

3 Método

Não obstante a pesquisa científica ter se pautado com mais profusão em abordagens positivistas, em especial até as décadas de 1970 e 1980, a “reviravolta interpretativa” (TAROZZI, 2011, p. 22) contribuiu para que métodos qualitativos ganhassem legitimidade junto à comunidade científica, como meio de “descrever e interpretar realidades complexas que não se deixam amarrar aos limites de esquemas rígidos” (p.21).

A abordagem interpretativa assume que “todas as versões da verdade são moldadas a partir da percepção e da compreensão de mundo de cada um” (ROTH; MEHTA, 2002, p. 132). Seu enfoque está em aspectos subjetivos e em significados sociais, o que torna a abordagem aderente ao presente estudo, uma vez que meu interesse está na identificação das representações do turismo de favela para o morador local.

Assim, conduzi uma pesquisa exploratória, de linha interpretativista, cujas principais características são destacadas por Hirschman (1986):

- a construção da realidade é feita por pessoas e, em função disso, existem várias realidades possíveis, logo não se está em busca de verdades absolutas;
- há a exigência da interação entre pesquisador e fenômeno, pois se trata de um processo interativo e iterativo;
- a investigação passa pelo subjetivismo do pesquisador, então “o conhecimento é subjetivamente alcançado, construído, e não descoberto” (HIRSCHMAN, 1986, p. 238).

Empatia e intuição do pesquisador devem ser consideradas. A primeira torna-se necessária porque o pesquisador deve envolver-se com a realidade do outro, a fim de buscar entender como indivíduos pensam; e a intuição é importante no momento de interpretar e traduzir formas de pensamento (HIRSCHMAN, 1986).

Esse processo exige a imersão do pesquisador ao fenômeno de interesse, cujo período pode variar entre semanas e anos. Importa que o pesquisador realize a observação contínua, permitindo ajustes, revisões e mesmo descartes ao longo do processo de investigação. “O círculo hermenêutico não precisa ficar preso em si, em um ciclo de reforço, mas pode espiralar, sair de si, expandindo a compreensão à

medida que mais e mais experiência pessoal é adquirida” (HIRSCHMAN, 1986, p. 242).

As principais estratégias de coleta e registro são:

(1) Observação: as interações com os entrevistados devem ocorrer em tempo suficiente para perceber comportamentos, emoções, valores e interesses. O pesquisador busca elementos que o levem a compreender o que significa estar naquela situação.

(2) Notas de campo: refere-se ao registro escrito daquilo que se percebe a partir das entrevistas e da observação, que resultam em uma “descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas. Em adição [...], o investigador registrará ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem” (BODGAN; BIKLEN, 1994, p.150).

(3) Entrevistas (e sua transcrição): empregadas como estratégia principal. Na presente pesquisa foram semiestruturadas, buscando relatos dos entrevistados.

A descrição dos dados ocorre por meio das estratégias descritas, considerando que “o mundo deve ser examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BODGAN; BIKLEN, 1998, p. 49).

As anotações não se limitam a registrar somente os relatos, mas também ampliar a percepção do objeto, atentando-se a sinais e símbolos que possam contribuir para o detalhamento mais apurado, incorporando outras formas de discurso, além da verbal (BODGAN; BIKLEN, 1998). Busca-se “esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo a sua volta, o que estão fazendo ou o que lhes está acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereçam uma visão rica” (FLICK, 2009, p. 8).

Como limitação do método, aponto o fato de que os dados são dependentes da memória, da disposição e da capacidade do participante em traduzir suas ideias. No entanto, deve-se considerar que não se almeja generalizações, mas sim esmiuçar determinado fenômeno a partir de um ponto de vista, a fim de melhor conhecê-lo e fazer novas ou complementares proposições a seu respeito (ARNOULD; THOMPSON, 2005), bem como compreender como visões de mundo são construídas e reconstruídas (JORGENSEN, 1989).

3.1 Observação como técnica de coleta de dados

A observação foi a primeira técnica de coleta que empreguei nesta pesquisa como meio de registrar “comportamentos exibidos pelos sujeitos” e descrever “características do meio físico e social em que o sujeito se encontra, bem como às mudanças que ocorrem no mesmo” (DANNA; MATOS, 1986, p.29), uma vez que sua prática pressupõe o exame de comportamentos e das condições nas quais ocorrem, a fim de classificá-los e descrevê-los.

A observação, de início, tornou possível minha aproximação com o objeto de estudo, e a ampliação de conhecimentos a seu respeito, fatos que fizeram dessa técnica uma escolha adequada à pesquisa, exatamente, em função da falta de conhecimento que eu tinha a respeito da dinâmica, dos hábitos e do dia a dia da vida em uma favela. O ir e vir do campo foi decisivo para a aproximação e para a adaptação (KURZ, 1983), bem como para o despertar de novas temáticas que deveriam ser incorporadas (HIRSCHMAN, 1986).

Outro objetivo da observação foi identificar comportamentos observados em um dos dois critérios identificados em estudos sobre poder: comportamentos demonstrados pelos moradores que fossem típicos do estado de alto poder; comportamentos típicos do estado de baixo poder.

A observação não poderia dar-se sem uma programação prévia de visitas e roteiros internos para que várias áreas das favelas fossem cobertas. Essa organização foi feita por mim em comum acordo com o guia-morador de cada favela.

Iniciei as observações na favela Santa Marta em setembro de 2015, estendendo-se até dezembro de 2015. As áreas cobertas foram divididas conforme a organização local, partindo sempre da área onde o posto de informação turística fica localizado, ainda no bairro de Botafogo, e dali percorrendo as cinco estações por onde passa o plano inclinado, transporte gratuito que conduz os moradores e visitantes pelo lado esquerdo da favela. A descida era feita a pé, pelo lado direito.

Na Rocinha, iniciei as observações em setembro de 2015, porém as interrompi e as retomei em janeiro de 2016, seguindo até março de 2016, sempre guiadas por um

guia-morador. Como a área física da favela é muito grande, havia dois pontos de partida, na área baixa, próxima à passarela da Rocinha; ou na parte alta, próximo ao posto de saúde local. Regiões, ruas e becos não foram repetidos durante essa fase, mas, ainda assim, devido à dimensão da favela, foi impossível cobrir os 14 sub-bairros que a compõem.

Busquei evitar que minha presença alterasse o comportamento dos moradores (KURZ, 1983). Duas medidas foram empregadas: inicialmente, por meio da observação encoberta, não me apresentando como pesquisadora, nem mesmo para o guia contratado; em momento posterior, já em observação declarada, retornei ao campo por diversas vezes, em períodos de tempo diferentes, para que certos tipos de comportamento fossem confirmados, descartados e outros incorporados.

A observação me impôs a contratação de guias-moradores, em função da dinâmica e da geografia da favela, mas, principalmente, por reconhecer o papel fundamental que eles poderiam exercer, me introduzindo e me legitimando na comunidade (FOOTE-WHYTE, 1990).

Essa etapa requereu também a elaboração de um protocolo, em que se definiram os dados a serem observados e registrados de forma sistemática, planejada e organizada (DANNA; MATOS, 1986). Para isso, além de preocupações no sentido de como garantir acesso, confiança e socialização com o grupo investigado (CHIKWECHE; FLETCHER, 2012), precisei responder uma série de outras questões: onde, quando, quem, o que e como (DANNA; MATOS, 1986). A elaboração do protocolo serviu para determinar: os locais em que a observação seria realizada, em que momento a observação ocorreria, qual o perfil do morador que seria observado, o que seria observado, qual a técnica de observação e de registro a ser utilizada.

3.1.1 Determinação de locais de observação

A determinação de quais favelas investigar partiu do entendimento de que existem diferentes formatos de exploração do turismo de favela ao redor do mundo, mas que podem ser classificados em dois tipos:

- o gerido e promovido por agentes externos e pela comunidade local, mas separadamente;

- o gerido e promovido por membros da comunidade local exclusivamente, ou em parceria com os agentes externos. Favelas nessa condição representam “minorias na frente de uma indústria do turismo poderosa” (CEJAS, 2006, p. 228).

Selecionei duas favelas cariocas, uma em cada condição citada: Rocinha na primeira situação, Santa Marta na segunda. Enquanto que na Rocinha há a predominância de agentes externos explorando o turismo, na maioria das vezes desvinculados de práticas locais, na Santa Marta há quase exclusividade de agentes locais atuando. Ao selecionar também procurei preencher lacuna expressa na literatura: “poucos autores apresentaram uma pesquisa comparativa sobre diferentes favelas [...]” (FRENZEL; KOENS, 2012, p. 8). Minha escolha ocorreu após desenvolver trabalho preliminar de observação de campo junto a guias-moradores, guias externos e moradores, como também duas entrevistas em profundidade, a fim de compreender melhor os espaços visitados.

Para a seleção, estive duas vezes na Rocinha. A primeira ida ocorreu guiada por um morador local, guia de turismo cadastrado e ex-presidente da associação de moradores; a segunda visita foi conduzida com um guia externo, proprietário de uma agência de turismo que opera com favelas do Rio de Janeiro.

Fui, igualmente, duas vezes à favela Santa Marta, em visitas que ocorreram sempre com guias-moradores. Diferente do que ocorre na Rocinha, os moradores já conseguiram organizar-se em torno da exploração endógena do turismo, portanto não houve necessidade de visitar a favela por intermédio de outros indivíduos, além dos próprios moradores, guias de turismo credenciados.

Visitei uma terceira favela carioca, Vila Canoas, mas já na primeira visita descartei essa possibilidade, por ser um local muito pequeno, com características estruturais muito diversas das demais favelas, a ponto de confundir-se como pertencente ao bairro de São Conrado onde se localiza. Fora isso, o fluxo de turismo é bem menor, porque apenas uma agência trabalha com Vila Canoas como um destino turístico.

Os grupos de traficantes que agem nas duas favelas são rivais, o que influenciou minha decisão de não realizar a pesquisa ao mesmo tempo nas duas.

A história da Rocinha, aliada à violência e ao tráfico, é uma das principais associações que a população faz, além de ser a maior favela da América Latina e a primeira a envolver-se com o turismo de favela no Brasil há mais de duas décadas.

A favela Santa Marta foi a primeira a ser pacificada no Estado do Rio de Janeiro e a receber uma Unidade de Polícia Pacificadora, em 2008. A favela foi palco para *Michael Jackson* gravar um clipe musical, em 1996, e desde então tornou-se destino de artistas internacionais. Seu envolvimento com o turismo é recente, iniciado em 2010.

A Rocinha tem 70.000 mil habitantes, em 23.352 domicílios, ocupando 848 Km². Santa Marta tem cerca de 5.000 mil moradores, em 1.176 domicílios, ocupando 53 Km². Rocinha é considerada um bairro desde 1993, totalizando 14 sub-bairros, com inúmeras ruas, vias e becos, Santa Marta tem apenas 61 logradouros.

Ambas as favelas localizam-se em meio a bairros nobres do Rio de Janeiro, com acesso e visibilidade fáceis. Santa Marta é acessado de uma das principais ruas do bairro Botafogo. Os principais acessos à Rocinha podem ser feitos por bairros nobres como Gávea e São Conrado.

As diferenças geográficas, demográficas e históricas entre as duas favelas são significativas, o que fez com que eu considerasse estes aspectos na análise dos dados coletados junto aos moradores locais.

3.1.1.1

Familiarização com os moradores

Não bastava apenas que eu selecionasse as favelas, mas fazia-se necessário ter acesso a seus moradores e conquistar sua confiança. Sem isso, a aproximação e a familiarização poderiam dar-se de forma superficial, influenciando negativamente a coleta de dados. O estranhamento deveria ser quebrado, não só o dos moradores em relação a mim, como também o meu em relação a eles, visto que éramos desconhecidos e pertencentes a contextos diferentes. Sem esse contato prévio, a busca pela naturalidade da relação pesquisador-pesquisado poderia não ser atingida (CHIKWECHE, FLETCHER, 2012; BODGAN; BIKLEN, 1998).

Rocinha foi a primeira favela que conheci, mas a aproximação com Santa Marta foi mais fácil e rápida, visto que uma das moradoras fazia parte das minhas relações pessoais e indicou uma guia-moradora.

Na Rocinha, o processo não foi tão simples, por ser uma comunidade de muita movimentação e de pessoas, com população estimada pelos órgãos oficiais em 70 mil

pessoas. A situação tornou-se mais favorável a partir do instante em que minha guia da Santa Marta intermediou meu contato com um morador da Rocinha, também guia credenciado, pois até esse momento eu estava sendo acompanhada por outro guia-morador.

Por ser Santa Marta uma favela pequena, em especial se comparada à Rocinha, e por eu ter escolhido sempre a mesma guia-moradora para me acompanhar, possibilitou que alguns moradores me reconhecessem em um espaço de tempo curto. Nas primeiras visitas eu já ouvia comentários como “ah, você é a amiga da S...”. Ou outros guias, quando acompanhando grupos maiores de turistas, solicitavam para eu ir “fechando o grupo”, ou seja, ele ia em uma ponta e eu em outra ponta do grupo, observando se nenhum integrante estava se dispersando. Certa vez, ao chegar na entrada da favela, uma das guias moradoras me cumprimentou, dizendo “essa é a mais nova favelada da Santa Marta”, referindo-se à frequência da minha presença no local.

O *Facebook* foi uma ferramenta útil, porque, mesmo quando não estava na favela, mantinha contato com alguns moradores locais, em especial os mais envolvidos com o turismo.

Na Rocinha, estive em três situações diferentes, ao longo do período de observação: quando era apresentada aos moradores como “a turista que veio conhecer a comunidade”; quando deixei de ser a turista para ser “a professora interessada na comunidade”; e o último momento, quando era apresentada como “parceira da Rocinha”.

Um aspecto que facilitou minha entrada na favela e o acesso aos moradores foi o fato de ter optado por chegar e sair da Rocinha usando o mesmo sistema de transporte que os moradores, o ônibus na chegada e a *van* na saída. Durante a permanência na favela, revezava entre a *van* e o mototáxi.

Essa estratégia foi percebida como válida na primeira vez que ia me aproximando do ponto em que deveria descer na Rocinha, fiz uma pergunta ao motorista e imediatamente uma moradora veio me orientar. Então, todas as vezes que estava chegando, perguntava algo ao motorista ou a alguma pessoa, o que geralmente rendia companhia de algum morador até o ponto de encontro com meu guia, distante oito minutos da parada do ônibus. Sempre aproveitei esse momento para estabelecer

alguma conversa direcionada ao tamanho da Rocinha, à quantidade de pessoas, para que daí pudesse chegar ao assunto sobre turismo.

Em abril de 2016, fui presenteada com uma camisa da Rocinha e desde então passei a usá-la para “subir o morro”. A camisa é distribuída dentro da comunidade, por iniciativa do presidente do fórum de turismo local, e patrocinada por comerciantes locais. Como é uma camisa para os moradores, patrocinada pelos locais, entendi que poderia ser outra estratégia útil de identificação com os moradores.

Foi comum retornar para a casa com números de *whatsapp*, endereços de *Facebook* ou cartões com contatos profissionais de alguns moradores, todos advindos de contatos e conversas que se estabeleceram ao longo dos dias. Pela dimensão da Rocinha, não se pode dizer que teve o mesmo impacto, se comparado à Santa Marta, mas ainda assim foi um meio de manter contato com alguns moradores.

3.1.2 Quando a observação ocorreu

Dei início as observações no segundo semestre de 2015 e as concluí em março de 2016, mas sendo utilizados períodos diferentes para cada uma das favelas.

Não havia motivos que justificassem a escolha de dias específicos para a observação, pois em ambas as favelas, os turistas estão presentes diariamente. Até mesmo em dias de chuva, a observação pôde ocorrer porque os grupos chegavam, mesmo que com menor intensidade. Na Santa Marta as visitas ocorreram em finais de semana e em dias de semana, com duração, aproximada, de 7 horas diárias, entre manhã e tarde. Enquanto na Rocinha, aconteceram em dias de semana apenas, seguindo os mesmos turnos e tempo diário de duração que os indicados para a Santa Marta.

Na Rocinha, quase todos os grupos que visitam a favela, trazidos por agentes externos, chegam entre 10h e 11h, e 13h e 14h, portanto foram horários imperiosos para observação.

Na Santa Marta, os guias-moradores passam o dia todo no posto de informação, ou à disposição pelo telefone celular, e sobem o morro à medida que os turistas chegam, sem horário estipulado. Ainda assim, a maioria das observações foram registradas no final da manhã e ao longo da tarde.

Interrompi a observação quando as notas de campo começaram a se tornar repetitivas, sendo que na Santa Marta isso ocorreu em um período de tempo bem menor do que na Rocinha.

3.1.3 Perfil do sujeito observado

Procurei respeitar os diferentes espaços geográficos de interesse e, durante ou após a observação, solicitei informações complementares ao guia, caso o indivíduo fosse seu conhecido, para garantir que fosse residente na favela. Em algumas circunstâncias, após a observação, foi possível conversar, mesmo que brevemente, com alguns dos observados.

Os observados na Rocinha enquadram-se no seguinte perfil:

- moradores, há mais de uma década e meia, tendo acompanhado o progresso do turismo no local;
- residentes em espaços geográficos diferentes na Rocinha, para que os dados coletados não se originassem e nem se concentrassem em uma área apenas, já que a favela é dividida em 14 sub-bairros. Isso significou falar com pessoas com renda e experiências internas diversas e visões diferentes, e implicou em visitar e ouvir, inclusive, áreas mais pobres e com possibilidades de conflito, caracterizadas por serem locais onde as visitas turísticas são raras e onde existe presença ostensiva do tráfico (MENEZES, 2007).
- perfil profissional variado, pois se a pesquisa fosse direcionada apenas para quem atua diretamente com o turismo local, poderia prejudicar os resultados. Solicitei ouvir pessoas do comércio local, como também do turístico, lideranças comunitárias nas áreas cultural, social e de saúde e moradores comuns da favela.

Na Santa Marta, as características não se diferiram muito:

- moradores no mínimo a partir de 2010, tendo acompanhado o progresso do turismo no local;
- residentes em espaços geográficos diferentes, para que os dados coletados não se originassem e nem se concentrassem em uma área apenas. Como os moradores

localizam-se a partir das cinco estações do plano inclinado, todas essas estações foram cobertas;

- perfil profissional, pessoas do comércio comum, como também do turístico, guias locais, moradores sem vínculo direto com o turismo e lideranças comunitárias.

3.1.4

O que foi observado

Para Danna e Matos (1986), os fatos observados podem ser separados em dois tipos: definições morfológicas ou definições funcionais do comportamento. Morfologia está diretamente relacionada à forma do comportamento, tendo como referencial o sujeito, o que ocorre nele e com ele diante de determinada situação. Importa registrar a localização do sujeito, sua posição e postura, eventos comportamentais motores, como mudança na postura ou na posição, manipulação de objetos ou de pessoas, locomoção, expressões faciais e comportamento vocal.

Função diz respeito a modificações ou efeitos produzidos pelo comportamento no ambiente, enfatizando o que a pessoa observada produz no ambiente, e não o que a situação observada produz no indivíduo (DANNA; MATOS, 1986).

O tipo de comportamento que registrei foi o morfológico, por se alinhar com os objetivos de pesquisa. Agrupei os achados por meio de dois critérios: comportamentos típicos do estado de alto poder, e comportamentos típicos do estado de baixo poder, de acordo com o apontado pela revisão da literatura.

3.1.5

Técnica de observação e de registro utilizada

As observações geraram notas de campo, separadas por dia e local (BODGAN, BIKLEN, 1998; DANNA, MATOS, 1986). Os acontecimentos observados foram numerados para identificar e separar casos e moradores. Inicialmente, como a observação encoberta impediu a obtenção de dados do morador, identifiquei as notas por números.

Na primeira visita em cada favela, não usei recurso de gravação, pois, como menciona Alves (2003), o pesquisador precisa de um período de adaptação junto ao fenômeno investigado até sentir-se confortável. Aliás, na primeira visita não me senti à vontade o bastante para registrar em voz tudo aquilo que percebia, ou fazer anotações. Isso poderia ser mal interpretado, pois não basta ter acesso ao local, mas sim comportar-se e manter uma postura que aproxime o pesquisador dos indivíduos. Isso significa saber ler códigos de ética e conduta, mesmo quando apenas implícitos.

Imediatamente após as observações, tinha o compromisso de escrever as notas, mesmo as que podiam não ter relação direta com o objetivo da pesquisa. Na ocasião, tentei fazer com que as fotografias servissem como meio para ativar minha memória - o que vi, ouvi ou percebi naquele espaço, já que elas servem como registros de campo e meio visual de explorar o tema e o espaço (BOGDAN; BIKLEN, 1994). A estratégia funcionou e contribuiu para que pudesse registrar os acontecimentos na ordem em que aconteceram, como recomendado por Dana e Mattos (1986).

Em observações posteriores, passei a usar o gravador do telefone celular. Em um ou outro momento, em especial na Santa Marta, foi necessário desativar a gravação e guardar o celular, porque estava passando em trecho onde o uso de qualquer recurso de áudio ou vídeo poderia ser causador de problema, orientação que recebi de minha guia, na primeira vez que lá estive.

O mesmo aconteceu quando solicitei ao meu guia na Rocinha que me levasse na área mais crítica da favela, onde certamente encontraria com os “soldados do tráfico”. Percorri a área sem portar qualquer recurso audiovisual, à exceção do momento em que estavam sendo feitas entrevistas com moradores, no interior de suas casas.

Conversas informais foram estabelecidas durante as observações, sendo algumas gravadas, outras não. Em ambos os casos, todas tornaram-se notas ou foram transcritas logo após. Nos dias posteriores a cada campo, sempre aflorava alguma nova recordação, o que me fazia voltar às anotações.

As idas ao campo com o objetivo exclusivo da observação foram encerradas em abril de 2016, quando as entrevistas com os moradores locais tomaram mais espaço e tempo.

3.2 Entrevistas

Como segunda técnica de coleta, conduzi as entrevistas de acordo com as recomendações de Thompson (1997) “poucas perguntas pré-planejadas. Em vez disso, o curso da entrevista emergiu em função das experiências e significados expressos pelo entrevistado” (p.442).

Dividi as entrevistas em dois momentos: no segundo semestre de 2015, logo no início da fase de observação, senti a necessidade de entrevistar alguns expoentes do turismo de favela, para conhecer a história, a dinâmica, dilemas, conquistas e expectativas. Solicitei a dois guias-moradores e a um guia externo que me concedessem entrevista, o que funcionou, como entrevista piloto.

Em um segundo momento, em 2016, as entrevistas ocorreram exclusivamente com moradores locais recrutados pelos guias contratados para essa finalidade.

Fase 1

Com o primeiro guia que me conduziu pela Rocinha, a entrevista ocorreu no mesmo dia em que comecei a observação, em setembro de 2015. Cheguei até esse morador por meio de buscas na *internet*, que o revelaram como residente na favela há décadas, ex-presidente da associação de moradores, conhecido dentro e fora da Rocinha. Ele é guia de turismo credenciado há duas décadas e proprietário de agência local que explora o turismo na favela.

O encontro ocorreu em uma das principais vias locais, com duração aproximada de uma hora, não tendo sido gravada, o que me levou a anotar os relatos do guia, que será chamado de Célio.

Com o guia externo, pseudônimo Eduardo, pioneiro em turismo de favela no Rio de Janeiro, também selecionado a partir de informações e referências disponíveis na *internet*, a entrevista foi agendada para outubro de 2015, no mesmo dia em que realizei a visita à Rocinha e à Vila Canoas, com a agência da qual é proprietário.

Nosso contato foi feito via email e *whatsapp*. Apresentei-me como aluna de doutorado na PUC-Rio e falei sobre meu interesse em conhecer melhor sua experiência de mais de duas décadas na área de turismo de favela. O interesse principal era entender

melhor o início de atividade nas favelas e a percepção de quem é pioneiro na prática do turismo de favela no RJ.

A última entrevista que compôs essa fase ocorreu em novembro de 2015, com uma guia-moradora da favela Santa Marta, que chamarei de Paula. Fiz primeiro contato via *Facebook* por indicação de uma residente na favela, participante do grupo de estudos sobre classes emergentes na PUC-Rio. A guia é formada pelo projeto Rio Top Tour, do Governo do Rio de Janeiro. Sua experiência como empreendedora tem lhe rendido visibilidade dentro e fora da favela, já realizou várias palestras, inclusive em outro país, e participa sempre como destaque em eventos em que o Sebrae trata de turismo de favela ou de micro empreendedor individual.

O objetivo do encontro foi conhecer detalhes a respeito de como o turismo chegou à Santa Marta, as principais mudanças que ocasionou na comunidade e sobre a experiência de uma moradora em conduzir o turismo de favela. Foi a entrevista mais longa, com 2h30m de gravação, realizada ao “pé do morro”, em uma loja de conveniência de um posto de gasolina. A entrevista foi transcrita, datada e reunida junto aos demais materiais de campo da Santa Marta.

Nos três casos mencionados, nenhum roteiro rígido foi estabelecido, apenas algumas perguntas que deveriam ser feitas em momento oportuno.

Fase 2

Iniciei as entrevistas com os moradores locais em fevereiro de 2016, e as finalizei no mês de julho. A primeira, uma entrevista-teste com uma moradora da Santa Marta, única realizada fora do ambiente da favela em função de compromissos profissionais da entrevistada.

Todas as entrevistas foram iniciadas após meu pedido que cada participante relatasse sua experiências e sentimentos em relação ao turismo de favela. A partir daí, segui com a entrevista de acordo com os relatos dos entrevistados, explorando algumas temáticas pré-estabelecidas, como o sentimento nas situações relatadas e o entendimento do informante em relação à forma como o turismo de favela ocorre na comunidade, como ele se sente diante de um grupo de turismo, como é, para ele, ser fotografo ou filmado por um grupo de turistas.

Em ambas as favelas, utilizei o serviço do guia como condutor e também como recrutador. O local e o horário das entrevistas foram definidos em função da disponibilidade do morador. Poucas ocorreram dentro de casas, a maioria ocorreu em comércio local, como bar, lanchonete, restaurante ou padaria, ou mesmo em becos das favelas.

No total, conduzi 29 entrevistas na Rocinha, conforme pode ser visto no Quadro 9. Destas, gravei 26, com o consentimento dos entrevistados, e literalmente transcritas. Quanto às demais anotei as respostas dadas, pois assim solicitaram os entrevistados. Todos os nomes informados são fictícios. Na Santa Marta, realizei 19 entrevistas, gravadas, transcritas, organizadas por dia e local, usando nomes fictícios para indicar os moradores, mesmo procedimento adotado para as entrevistas com os moradores da Rocinha. O resumo do perfil pode ser visto no Quadro 10.

Quadro 9: perfil dos entrevistados na favela Rocinha

Nome	Origem	Residente/anos	Local	Trabalho
Alberto	Ceará	46 anos	Cachopa	Hostel
Brenda	Rocinha	33 anos	Cachopa	Padaria
Carlos	Ceará	58 anos	Rua 4	Vendedor de salgados
Davi	Rocinha	43 anos	Estrada Gávea	Guia local
Emerson	RJ	8 anos	Cidade Nova	Capoeirista
Flávio	Rocinha	19 anos	Cidade Nova	Capoeirista
Gabriel	Rocinha	20 anos	Cidade Nova	Capoeirista
Iara	Rocinha	35 anos	Vila Verde	Secretária
Igor	Rocinha	50 anos	99	Pres. Fórum
Júlia	Rocinha	42 anos	Macega	Artesanato
Lauro	Rocinha	34 anos	Roupa Suja	Hostel
Miguel	Ceará	54 anos	Rua 1	Casa de Cultura
Natália	Ceará	26 anos	Rua 1	Casa de Cultura
Otávio	RJ	18 anos	Laboriaux	Rede Coletiva
Plínio	Rocinha	37 anos	Laboriaux	Renda
Saulo	Rocinha	51 anos	Laboriaux	Aposentado
Reinaldo	Ceará	44 anos	Via Ápia	Imobiliária
Tânia	Rocinha	59 anos	Estrada Gávea	Enfermeira
Valdir	Rocinha	52 anos	Estrada Gávea	Carteiro
Alex	Rocinha	66 anos	Rua 2	Restaurante
Bruno	Rocinha	38 anos	Via Ápia	Gráfica
Cícero	Rocinha	34 anos	Estrada Gávea	Artesanato
Deise	Rocinha	39 anos	Estrada Gávea	Hotel
Everton	Rocinha	47 anos	Via Ápia	Vestuário
Fernanda	Rocinha	44 anos	Via Ápia	Vestuário
Guilherme	Rocinha	31 anos	Cidade Nova	Assoc. Surf
Jairo	Bahia	30 anos	Valão	Acorda Capoeira
Lúcia	Rocinha	68 anos	Boiadeiro	Doméstica
Célio	MG	45 anos	Boiadeiro	Guia

Quadro 10: perfil dos entrevistados na favela Santa Marta

Nome	Origem	Residente/anos	Local/Estação	Trabalho
Antônia	Ceará	52 anos	Primeira	Dona de quiosque
Bernardo	Ceará	35 anos	Primeira	Guia
Carmem	Niterói	3 anos	Quarta	Desempregada
Dila	SM	38 anos	Segunda	Comércio turístico
Eugênio	SM	43 anos	Entrada	Dono de quiosque

Francisco	SM	41 anos	Terceira	Servente
Germano	Ceará	59 anos	Primeira	Aposentado
Hélia	Ceará	35 anos	Primeira	Caixa de loja
Imaculada	SM	27 anos	Quarta	Comércio turístico
Júnior	Paraíba	14 anos	Primeira	Cabelereiro
Lúcio	SM	39 anos	Quarta	Guia
Mônica	ES	62 anos	Quarta	Faxineira
Nice	SM	30 anos	Entrada	Estudante
Paula	Ceará	45 anos	Primeira	Guia
Ronan	Congo	5 anos	Terceira	Guia
Silas	SM	53 anos	Terceira	Pedreiro
Tânia	SM	37 anos	Quinta	Empregada doméstico
Vanda	SM	22 anos	Primeira	Do lar
Zilda	SM	81 anos	Quinta	Aposentada

3.3 A análise via interpretação hermenêutica

Tomando como base Gadamer (1989), Bernstein (1983) e Heideger (1949), Arnold e Fischer (1994) explicam que a hermenêutica dedica-se a compreender o papel de um intérprete na superação do dualismo sujeito-objeto, considerando, positivos e essenciais a esse processo os pré-conceitos, ou a compreensão prévia, que o intérprete traz consigo para o ambiente da investigação. Tanto o intérprete quanto o interpretado (sujeito e objeto) não são desprovidos de “crenças, teorias, códigos, metáforas, mitos, eventos, práticas, instituições e ideologias que precedem a interpretação” (p. 56), que o investigador não consegue, e nem deve, isolar no ato da investigação.

Arnold e Fischer (1994) e Gadamer (1989) consideram que os pré-conceitos são úteis se pensados como um ponto de partida, mas não estanques ou definitivos, visto que o processo que leva à interpretação pode modificar essas concepções iniciais que fazem parte do investigador. A filosofia hermenêutica assume que esses pré-conceitos são essenciais e não constroem o intérprete. São eles que tornam algo estranho ou familiar ao investigador, dependendo do que ele acumulou em termos de compreensão prévia sobre determinado objeto.

A interpretação deve levar à fusão, ao encontro desses dois horizontes. Novamente, a filosofia hermenêutica aponta para a importância do pré-conceito do intérprete, pois é aí que se encontra o seu horizonte, enquanto que o horizonte do texto é o sentido que o objeto (o interpretado, o entrevistado) pretendeu dar-lhe, por meio de seus relatos. À medida que a pesquisa avança e que o conhecimento prévio do intérprete é alterado

ou expandido, move-se também seu horizonte (ARNOLD, FISCHER, 1994). Por isso, a revisão constante do texto é fundamental, até que se atinja a fusão desses horizontes. Somente assim, a compreensão prévia torna-se compreensão, o pré-conceito torna-se conceito e o dualismo sujeito-objeto é superado (GADAMER, 1989; BERNSTEIN, 1983; ARNOLD, FISCHER, 1994).

Essa revisão constante é fruto do caráter iterativo da filosofia hermenêutica (THOMPSON, POLLIO, LOCANDER, 1994) em que, primeiramente, a transcrição das entrevistas é lida ininterruptamente para que se tenha a noção do todo. Em seguida, novas e repetidas leituras são realizadas, a fim de que se identifiquem padrões nos dados coletados. A cada nova leitura, outras concepções teóricas podem ser consideradas, novos aspectos podem ser identificados, enquanto outros podem ser enriquecidos ou descartados, considerando que a “orientação interpretativa do pesquisador permite-lhe entrar em sintonia com características e padrões específicos oferecidos pelos dados textuais” (THOMPSON, 1997, p. 441).

A intenção é que se chegue a interpretação em que: não haja a presença de contradições; onde os temas observados sejam documentados e baseados em exemplos relevantes; a literatura relevante seja considerada; o texto advindo da interpretação seja compreensível ao público, apontando novos aspectos da problemática estudada (GADAMER, 1989; ARNOLD, FISCHER, 1994).

Thompson, Pollio e Locander (1994) descrevem sua experiência por meio da identificação de uma “metáfora simbólica: isto é, uma imagem ou evento exemplar que transmitia um nexos de premissas, preocupações, valores e significados, que sistematicamente emergiu durante toda a entrevista” (p. 435). Essas metáforas demonstram significados pessoais que cada entrevistado apontou em seus relatos, mas quando se passa de uma análise intratextual para a intertextual, as metáforas são úteis para mostrar que estes “significados pessoais refletem os pontos de vista culturais mais gerais, transmitidos implicitamente na linguagem” (p. 432).

Nesta tese, as metáforas simbólicas referem-se às principais temáticas expressas nos relatos, que foram extraídas por meio da passagem da análise intratextual para a intertextual: estigma, benefício econômico, benefício não econômico, turismo de favela, agências externas, turista de favela, sentimentos e fotografia.

Ao longo das análises dos relatos dos moradores percebi, junto à comunidade dialógica (ARNOLD; FISCHER, 1994), formada por mim e por professores da PUC-

Rio, que outra temática deveria ser considerada. Além das questões iniciais relacionadas a estigma e a poder, referências ao valor de troca surgiram com bastante evidência.

Cumprir informar que o estabelecimento de uma comunidade dialógica é característica do método hermenêutico. Fundamenta-se em diálogos em que pontos de vista diversos e novas compreensões devem ser consideradas, podendo advir uma nova interpretação dos dados (GADAMER, 1989). Assim fui despertada para a importância de incorporar trocas financeiras e simbólicas como outro possível fator de influência na percepção dos moradores em relação ao turismo de favela.

O que ocorreu com troca foi, em alguma medida, equivalente ao que ocorreu com estigma, porém o meu despertar para cada um desses temas deu-se em momentos diferentes da pesquisa. É importante lembrar que ao iniciar as investigações de campo, meu foco centrava-se nas relações de poder e na forma como elas poderiam impactar a representação do turismo de favela para o morador.

Contudo, logo no começo da coleta dos relatos e das conversas informais com os moradores, ficou claro que estigma deveria ser tratado como outro possível aspecto influenciador. Estigma foi incorporado como temática central e de igual relevância à poder. Troca e suas implicações passou a configurar o terceiro aspecto influenciador, *a posteriori*. Ampliei a quantidade de possíveis aspectos influenciadores – poder, estigma e troca – mas sem alterar a quantidade de temáticas: estigma, benefício econômico, benefício não econômico, turismo de favela, agências externas, turista de favela, sentimentos associados à fotografia.